

TRAJETÓRIA ACADÊMICA UNIVERSITÁRIA: DA GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA AO DOUTORADO EM EDUCAÇÃO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

Everton Rossi – Doutorando em Educação (PPGE/UFMT) – evertoniscufmt@gmail.com
Filomena Maria de Arruda Monteiro – Professora/orientadora (PPGE-UFMT) – filaarruda@hotmail.com
GT 12: FORMAÇÃO DE PROFESSORES

1 Introdução

A incumbência de escrever sobre minha trajetória como acadêmico na Universidade Federal de Mato Grosso me exigiu a ação de rememorar e relembrar, cujos movimentos discursivos me levaram a refletir sobre mim mesmo e minha subjetividade, em um espaço potencialmente biográfico-narrativo. Este breve memorial, sem espaço para muitas situações vivenciadas é uma história de experiência (Clandinin; Connelly, 2011) que nutre-se de outras histórias, de outros tempos, mas que se convergem – as quais são carregadas de influências de múltiplos contextos que caracterizaram tal experiência significativa e que busquei salientar uma etapa concreta de minha vida (ainda não finalizada por completo) – e para tanto assinalo, no transcurso do breve relato escrito, algumas situações refletidas por mim, as mais significativas e, por serem significativas, tornam-se formativas.

1 Escolhas: minhas motivações

Percebi que precisava sair da zona de conforto e experienciar algo significativo em minha vida – que era o desejo pelo ingresso na educação superior. Eu já havia dedicado alguns poucos anos (em torno de quatro) de trabalho no âmbito do Sistema Único de Saúde e Saúde Coletiva/Saúde Pública (em cargos de nível médio – como Agente de Vigilância Sanitária; Agente Administrativo do SUS e, por último, como Agente Comunitário de Saúde). Aqui dou lugar as experiências prévias com as práticas laborais no mundo do trabalho, denotando o desejo/necessidade de formação, visando especialização diante das demandas do contexto específico do serviço público de saúde.

Ao referir sobre a escolha profissional, torna-se de fundamental importância tentar definir o que entendo por escolha, o quanto a torna possível e em quais condições. Assim, sempre me perguntei: é possível escolher? Existe a tão chamada liberdade de escolha ou as escolhas são determinadas por alguns fatores? Todos podem escolher ou uns tem mais possibilidades do que outros?

Com relação a isso, me suscitava a reflexão sobre o que geralmente chama-se “escolha” ou “quem de fato escolhe”? Falar globalmente de escolha significa ocultar questões centrais como a condição social, cultural e econômica e o histórico de escolarização do candidato. Pode-se dizer que, para uma boa parcela de estudantes e egressos de cursos superiores, existe uma escolha relativa, mas sim uma adaptação, um ajuste às condições que o candidato julga condizentes com sua realidade (ZAGO, 2006) – e foi o que, de fato, aconteceu comigo.

Minha motivação como ação subjetiva refere-se à experiência sobre aquilo que desejei com sua ação, apresentando-se como motivo, como finalidade, a intenção de se tornar real o estado das coisas – um projeto (SCHUTZ, 2012). E o projeto era esse, cursar a graduação em Saúde Coletiva. Ingressar para o universo acadêmico se constituiu, pra mim, um momento de transição entre realidades diferentes, sendo o limite de uma realidade anterior para o ingresso em uma realidade ainda desconhecida, momento marcante na minha vida.

Para aproximação à referida motivação, valho-me das contribuições da abordagem da experiência, pois o meu relato baseia-se naquilo que se mostrou significativo a mim, marcou minha memória e é sempre reapresentado no presente quando solicitado. Por experiência, compartilho da ideia de John Dewey o qual entende a forma como os sujeitos concretos vivenciam o mundo no fluxo existencial da vida cotidiana, que somente é apreensível como lembrança, de modo que o vivido é editado por aquilo que os toca ou os afeta, vivida por pessoas em interação e que ocorre em contextos sociais, de forma contínua, de maneira processual e possibilita a aprendizagem (DEWEY, 2010).

Tais lembranças remetem à memória enquanto aquilo que ficou marcado e merece ser lembrado por ser significativo ao interlocutor (a mim, neste caso), sendo ela seletiva e constituída por lugares, personagens e acontecimentos vividos por si e por grupos aos quais a pessoa se sente pertencente, sempre situados em dado espaço e tempo, compondo a memória, sendo possível narrar, posteriormente (POLLAK, 1992; SCHIMIDT; MAHFOUD, 1993; CLANDININ; CONNELLY, 2011).

Diante das circunstâncias, de sempre ter vivido em uma cidade histórica do interior do estado de Mato Grosso - (Diamantino); de ter toda rede de apoio (família e amigos) sempre por perto; acesso fácil à natureza (por qual sou apaixonado); pelo trabalho (que sempre desenvolvi

com muito respeito e seriedade) – me vi num momento, na trama de escolher ficar e continuar tendo acesso à tudo que relatei acima ou me deslocar e viver outra realidade, totalmente diferente e estranha – mas que pra mim, naquela altura do campeonato já estava passando da hora de traçar novos rumos. Preferi, mesmo sabendo que não seria fácil, ir em busca do sonho da educação superior – um novo *projeto* de vida. Aqui situo e compartilho da ideia de Gilberto Velho (2003), o qual diz que *projeto* é uma conduta organizada para atingir finalidades específicas, mobilizadas para a ação, antecipando e visando um estado futuro.

Após aprovação no curso de graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal de Mato Grosso, arrumei minhas coisas, pedi afastamento do trabalho para qualificação profissional e vim parar em Cuiabá (em 2013) – ano do ingresso no curso. Hoje, em 2021, após muitas experiências significativas ao longo desses anos – aqui estou para narrar o início da minha trajetória acadêmica (graduação e mestrado) – que se deu no interior do Instituto de Saúde Coletiva (ISC) da UFMT e o processo de doutoramento – em andamento no Instituto de Educação (IE) da UFMT. A seguir narro o ingresso na graduação.

2 O início: a graduação em Saúde Coletiva

Iniciei o primeiro semestre do curso no dia 16 de setembro de 2013. Foi a partir de então que aprendi, de fato, o que é Saúde Coletiva. E era aquilo que sempre pensei que fosse e que queria estudar. Para além disso, sempre tive vontade de aproveitar tudo o que a universidade e o curso em si poderiam me proporcionar. Projetos de extensão, de pesquisa, monitorias sempre foram meu alvo para crescimento acadêmico-profissional.

A inserção na extensão universitária foi minha primeira experiência significativa que me colocou em contato com a realidade do SUS. A extensão universitária pode ser entendida como ação integrante do processo de formação acadêmica, a qual ocorre por meio de vivências que provocam relações e trocas diante de uma realidade social. Ora, é um espaço de reflexão crítica para repensar ações acadêmicas frente às demandas sociais, bem como a formação de profissionais que se tornam protagonistas de transformações sociais (SILVA; RIBEIRO; JUNIOR, 2013). Trabalhei em um projeto de extensão¹, que privilegiava o atendimento à migrantes haitianos.

Após o término da extensão universitária de duração de nove meses, me inseri em um grupo de pesquisa (Grupo de Pesquisa em Saúde, Experiência, Cultura e Sociedade – GPSECS),

¹ Projeto de extensão intitulado: Saúde do Migrante Haitiano em Cuiabá, Mato Grosso, (2014). Sob a coordenação da Professora Doutora Ana Paula Muraro do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal de Mato Grosso.

no qual exerci a função de iniciante à pesquisa científica (bolsista) por dois anos consecutivos e por um ano como voluntário. Durante o percurso formativo da graduação, na Iniciação Científica desenvolvi plano de trabalho relacionado à experiência de profissionais de saúde que atuavam no sistema prisional do estado de Mato Grosso e a experiência de Agentes Promotores de Saúde - APS (que são pessoas privadas de liberdade), vinculado ao projeto matricial², com alto potencial de ressocialização e que desenvolviam suas atividades com educação em saúde no interior da penitenciária junto aos outros privados de liberdade, sendo um elo entre profissionais de saúde e os presos que necessitavam de atendimento.

A monitoria³ também ganhou relevância na minha experiência enquanto acadêmico, visto ser entendida como importante ferramenta de apoio pedagógico por meio da qual houve oportunidade de aprofundamento dos conhecimentos adquiridos, fortalecendo habilidades teórico-prática, criando espaço fértil para revisão de conteúdo.

Ademais, posso dizer que a inserção em atividades extracurriculares desta natureza, além de que foi potente motivador para permanência no curso, foi também um espaço de aprendizagens que sinalizou a possibilidade de conhecer e seguir o universo da pesquisa, haja vista ter contato direto com pesquisadores e discentes de pós-graduação que atuavam nestes espaços. Com relação a isso, posso dizer que estas atividades me colocaram, enquanto aluno em contato com uma das facetas da prática do sanitarista, estimulando tanto a permanência quanto a continuidade na formação acadêmica na pós-graduação (que também sempre foi um desejo).

Após longos quatro anos de muitas experiências significativas, finalizei o curso e coleei grau no dia 27 de setembro de 2017. Neste mesmo ano, participei do processo seletivo para o pleito de uma vaga no mestrado em Saúde Coletiva – o qual fui aprovado em primeiro lugar e dei início em março de 2018. A seguir relatarei esta outra experiência significativa, sendo um grande divisor de águas na vida acadêmica e pelo afloramento do desejo de um dia me tornar professor.

3 Do mestrado em Saúde Coletiva ao doutorado em Educação

² Saúde Penitenciária: experiência de profissionais na atenção em unidade prisionais de Cuiabá/MT e na Gestão das ações no nível central (SES-MT e SEJUDH-MT), entre os anos de 2014 a 2016. Sob a coordenação da Professora Doutora Reni Aparecida Barsaglini do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal de Mato Grosso.

³Fui monitor voluntário da disciplina de Metodologia Científica na graduação em Saúde Coletiva por dois semestres consecutivos (2017/1 e 2017/2), sob a supervisão da Professora Doutora Rita Adriana Gomes de Souza.

Percebendo a atração pela docência e a necessidade de mais aprimoramento, ingressei no mestrado em Saúde Coletiva da Universidade Federal de Mato Grosso, na Linha de Pesquisa: Diversidade Sociocultural⁴, Ambiente e Trabalho, com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico -CNPq.

O curso de mestrado teve início em março de 2018 e contemplava número substancial de créditos obrigatórios. Havia uma profusão de disciplinas contemplando variadas vertentes teóricas, provocando pulverização e falta de integração entre produção docente e discente. Entretanto, posso dizer que essas disciplinas muito contribuíram para meu processo de formação, ao aprofundar, sobretudo autores relacionados à sociologia (compreensiva e fenomenologia), ampliando de forma significativa meu espírito crítico e minha compreensão da realidade.

Sem desmerecer/desconsiderar os demais, três professores foram expressivos para mim. A primeira, minha orientadora do mestrado Reni Aparecida Barsaglini, sendo uma das principais pesquisadoras sobre experiência de adoecimento de longa duração do país. A segunda, foi a notável professora Marta Pignatti, que estuda temáticas relacionadas a saúde e ambiente. O terceiro, o grande professor Vanderlei Antônio Pignati (médico, político, professor e militante) – uma referência nacional em pesquisas sobre adoecimentos e a relação com agrotóxicos. Os dois últimos, encontram-se, aposentados. No entanto, contribuem ativamente no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (PPGSC).

A minha dissertação de mestrado, intitulada: A identidade profissional de sanitaristas: experiência de egressos da graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal de Mato Grosso, foi defendida em 25 de junho de 2020 e aprovada pela banca avaliadora constituída pelas professoras doutoras Reni Barsaglini (orientadora), Liliana Santos e Karine Wlasenko, membros externo e interno, respectivamente.

Nenhum estudo com egressos e alunos da graduação em Saúde Coletiva tinha sido realizado até aquele momento, no estado de Mato Grosso e poucos realizados no país. Minha orientadora sugeriu pesquisar egressos – a partir de suas experiências durante o percurso acadêmico e de inserção profissional no mundo do trabalho em Saúde Coletiva. Utilizei um questionário com questões abertas, a fim de dar oportunidade ao máximo de egressos relatarem suas experiências formativas e doze entrevistas com egressos inseridos no mundo do trabalho. Nos relatos escritos e orais, ficou muito evidente que a formação em Saúde Coletiva prepara

⁴ Sob orientação da Professora Doutora Reni Aparecida Barsaglini do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal de Mato Grosso.

para o trabalho no âmbito do SUS. No entanto, também foi muito presente nestes relatos fragilidades enunciadas pelos egressos sobre os professores do curso e os impactos na formação.

O objetivo do estudo foi compreender a partir da experiência dos egressos como se constitui a identidade profissional dos Sanitaristas. Entretanto, é importante frisar que, por vezes, alguns egressos anunciaram, certa fragilidade sobre a formação e os professores do curso, no que se refere a articulação entre a teoria e a prática profissional desenvolvida. A narrativa dos interlocutores, aguçou o meu desejo e a necessidade de dar continuidade a pesquisa acerca da trajetória profissional de docentes da educação superior do curso de graduação Saúde Coletiva da Universidade Federal de Mato Grosso.

Tal investigação científica, foi ganhando forma, sobretudo, nas aulas da Especialização em Docência no Ensino Superior. Nessa direção, comecei a mapear os possíveis interlocutores que pudessem trabalhar e desenvolver a temática e, assim cheguei ao curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, com a proposição investigativa, qual seja: compreender a trajetória profissional de docentes da graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal de Mato Grosso, a partir de suas experiências narradas.

4 Considerações finais

Após finalizar este breve memorial, creio que se destaca o desejo e compromisso com a pesquisa científica e o de se tornar docente a partir de experiências significativas com atividades extracurriculares. No decorrer da minha trajetória acadêmica até o início do processo de doutoramento na Universidade Federal de Mato Grosso, pude exercer a multiplicidade de vivências práticas desde da graduação em Saúde Coletiva e ao longo das pós-graduações, que se referem tanto ao Mestrado em Saúde Coletiva, quanto a Especialização em Docência no Ensino Superior

Nessa direção, o diálogo entre a Saúde Coletiva e a Educação, tem potencializado e indicado possibilidades de ampliação do status de me perceber como Profissional mais humanizado e identificado com as questões públicas que me afetam e, conseqüentemente, os modos de cumprir o meu papel perante a sociedade. A breve trajetória acadêmica e profissional aqui relatada fizeram jus aos incentivos públicos institucionais que fomentaram a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão, no decorrer de toda a minha formação técnica, política e ética.

Referências

CLANDININ D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa Narrativa**: experiências e história em pesquisa qualitativa. Uberlândia: EDUFU, 2011.

DEWEY, John. **Experiência e educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

SCHIMIDT, Maria Luisa Sandova; MAHFOUD, Miguel. **Halbwachs**: memória coletiva e experiência. *Psicologia USP*, São Paulo, 4(1/2), p. 285-298, 1993.

SCHUTZ, Alfred. **Sobre a fenomenologia e relações sociais**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2012.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percurso de estudantes universitários de camadas populares. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, v.11 n.32, 2006.